

Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón Milão, 23 de maio de 2012

Textos de referência: J. Carrón, “Introdução dos Exercícios da Fraternidade de CL”, em “Não sou eu que vivo, mas Cristo que vive em mim”, suplemento Passos n. 138, junho 2012, pp. 4-11; J. Carrón, “Temos tanta estrada a percorrer”, La Repubblica, 1º de maio de 2012.

- *La ballata dell'uomo vecchio*
- *Foggy Dew*

Glória

Colocação: *Depois de uma conversa com um amigo, tive que retomar o texto da palestra de sexta-feira à noite dos Exercícios da Fraternidade que eu tinha lido apressadamente, como se fosse uma obrigação a cumprir para, depois, chegar à parte bonita, no sábado. E me impressionou muito a carta daquele senhor que descreve a dificuldade de uma amiga que estava mal e que ele se sentiu exatamente como o pai de Eluana, e por isso tinha se escandalizado. Porém, deu-se conta de que essa humanidade, que desejou não olhar, era a porta através da qual podia entrar na realidade. Eu liguei isso ao final da carta que você escreveu para La Repubblica: “Temos ainda um longo caminho à nossa frente e estamos felizes por poder percorrê-lo”. Agora, como primeira reação, digo que quando me vejo diante de uma situação dura como a descrita na carta, fica como pano de fundo o fato de estar contente porque prevalece a fadiga (e, muitas vezes, nem me dou conta de que há um caminho a fazer!). Ao contrário, parece que eu intuo que aquele senhor atravessa toda a fadiga que tem, e ela se torna o ponto de origem para começar a fazer o caminho e estar contente por fazê-lo. Por isso é descrita uma trajetória que é uma coisa invejável. Então, peço que você nos ajude a entender como é possível despertar um desejo sincero de percorrer o caminho, porque entendo que para você é algo desejável.*

Carrón: Essa pergunta mostra como o niilismo incide em nós. Basta que a situação se torne complicada e ficamos perdidos, não sabemos que caminho tomar, como se o eu fosse eliminado. Repito: por que o caminho é desejável?

Colocação: *Para mim, a vida é difícil quando não faço este caminho.*

Carrón: “Para mim, a vida é difícil quando não faço este caminho”. Isso muda tudo! O problema não é que tenhamos dificuldade em seguir o caminho, mas que a vida se torna realmente insuportável quando não o fazemos. Se não nos passa essa ideia, ou melhor, essa sensação e essa urgência, por que vale a pena fazer? Sempre encontraremos um alibi para não fazer. Se não nasce da urgência da vida – porque sem fazer o caminho a vida é realmente insuportável –, por que vale a pena fazer? Então, que experiência você fez?

Colocação: *Eu percebo que busco a satisfação onde todos a buscam quando vivo uma inércia nas circunstâncias desse caminho, quer dizer, quando vivo de aparência. E, para mim, fazer esse caminho é necessário para poder viver, viver! O que é esse caminho? Para mim – como você o descreve –, é muito simplesmente a autoconsciência, e eu me dou conta disso em muitos aspectos da minha vida. Quando vivo uma inércia, sou negligente ao lidar com aquilo que me acontece, comigo mesma, cedo à mentalidade de todos e não vivo mais.*

Carrón: Precisamos entender o que é essa inércia.

Colocação: *Naquela manhã, quando li seu artigo, quanto mais o lia mais ficava sem palavras por causa do entusiasmo, no sentido de que via ali, em ação, a posição que eu desejo, sempre desejei, de uma liberdade que não fica calculando sobre a conveniência de dizer ou não certas coisas, mas que estava falando sobre si sem ter medo nem do próprio juízo nem do juízo dos outros. Em suma: uma liberdade. E entendi que isso só era possível para uma pessoa que estivesse inteiramente apoiada sobre aquilo que tinha de mais caro, Jesus. É isso que eu desejo, é isso que com*

entusiasmo comecei a verificar nos dias que se seguiram, para ver quantas vezes eu me apoiava sobre aquilo que tinha de mais caro e o que acontecia. Quando eu vivia dessa maneira me sentia livre, sem sentimentos de culpa e sem precisar ser político. E, então, entendi outra coisa. Normalmente, nós dizemos: “Olha, não sou eu, eu não teria feito isso porque não tenho essa personalidade e, ao contrário, percebo que estou mais paciente, mais misericordioso”. Não! Se disser isso estou cometendo um erro, quase como se Jesus, em certos momentos, me desse super poderes ou que Ele agisse através de mim, sem mim. Ao contrário, começo a dizer: quando posso apoiar-me nEle, e portanto sou livre, começa a se evidenciar realmente quem eu sou. Porque eu, na realidade, muitas vezes não sei quem sou, mas descubro, como se Ele libertasse aquele que sou diante dos meus olhos.

Colocação: Queria dizer que estou trabalhando ao mesmo tempo sobre a carta e sobre os Exercícios, porque vi uma ligação grande e profunda. Nos Exercícios, você nos disse que santo é aquele que tem uma abertura total, isto é, aquele que não reduz seu coração a sentimento e a realidade a aparência. É realmente verdade, de outro modo corremos o risco de os Exercícios serem fantásticos no dia 22 de abril e já apagados no dia 1º de maio... Para mim, ao contrário, os Exercícios e a carta tornaram-se um único material de trabalho. Vi na carta uma unidade profunda e, por isso, não tive dificuldade em lê-la inteira, fugindo da tentação de ler apenas trechos. Para mim, a carta é um exemplo claro do método que você está nos ensinando há tempos. Essa carta foi escrita por alguém – essa foi a primeira impressão que tive – que levou os Exercícios a sério e que está trabalhando sobre eles como um acontecimento em sua vida. Já em Rímíni eu tinha percebido que de sexta à noite até domingo de manhã você fez um caminho, a ponto de me fazer dizer que se você não tivesse feito os Exercícios (não simplesmente ditado), não poderia escrever uma carta assim. Agora, digo dois pontos de trabalho em relação à carta. Primeiro: a realidade é positiva e para entender isso, como você sempre nos disse, não podemos censurar nem os erros (e eu acrescento: nem mesmo as inquietações que possam surgir em mim e na comunidade). Essa carta é um juízo que nasce de algo presente que acontece e que chega até os poros da pele, levando em conta todos os fatores, mesmo aqueles que nos afligem. Portanto, torna-se um juízo histórico e, para dar um juízo histórico, as circunstâncias são essenciais. Um juízo que não é mediado e nem adaptado ao destinatário, mas que tende ao coração de quem não foge, porque fugindo, perde a ocasião, perde os amigos e, portanto, perde Cristo. Quantas vezes eu procurei mediar uma colocação tentando adaptá-la a quem se dirigia porque julgava que o que eu pensava poderia “passar” melhor Jesus: porém, nessa carta notei uma liberdade que realmente me fascina e que eu quero aprender. O segundo ponto é o da autoconsciência: onde e em quem consisto? O que tenho de mais caro? Hoje, também para mim, o imperador faz essa pergunta; o imperador do qual, antes de mais nada, é feita minha vida, minha mentalidade. Quantas vezes, na minha vida privada e na minha vida de padre, eu tomo uma decisão quase barganhando Cristo que, portanto, deixa de ser aquilo que tenho de mais caro. Isso tem um reflexo sobre a presença que, como você nos lembrou e verifiquei na minha vida, não é poder, mas testemunho. Quantas vezes confundi a presença com o êxito, isto é, com a realização do meu projeto. Se for assim, talvez Cristo não me seja suficiente. Preciso ver o resultado e, assim, me convenço de que fui uma presença. O famoso “é, se opera”, corre o risco de se tornar: “Como vi que aconteceu segundo meu projeto, então é”. Assim, programo em vez de me converter. É uma lógica perigosa, que corrompe a obra, qualquer obra: pastoral, educativa, social, política, assistencial. Portanto, tenho apenas uma responsabilidade, que é a de permanecer neste âmbito, neste caminho que tenho que percorrer. E eu seria estúpido se não o percorresse, pois parece muito verdadeiro para mim, para ser sério. Esta noite celebrei a Missa, e o Evangelho era um trecho do discurso de Jesus: “Não peço que os tires do mundo, mas sim que os preserves do mal. Eles não são do mundo, como eu não sou do mundo. Santifica-os pela verdade. A tua palavra é a verdade” (Jo 17,15-17). Acho que naquela noite Jesus pediu por mim, por você, por nós e por esse difícil momento histórico da nossa presença. Como o povo de Israel, nós também podemos ser despojados de tudo. Mas Cristo permanece e sei que a Sua misericórdia,

da qual tenho tanta necessidade, é eterna, realmente preciso me convencer com a experiência, de que isto me basta.

Carrón: Não quero acrescentar mais nada às muitas coisas tão bonitas que vocês disseram. Sublinho a questão do método – sobre o qual voltarei depois – para responder à questão do caminho. O caminho é desejável e podemos ser felizes por percorrê-lo exatamente porque vemos que, percorrendo-o, acontece isso que vocês acabaram de dizer.

Colocação: *Percebi, em relação à carta, que cometi dois erros ao lê-la. Primeiro: pensar que o erro do qual se fala fosse um erro moralista (“Não sou coerente, cometo pecados enquanto me movo nas circunstâncias”). E o segundo: pensar que dizia respeito à esfera política da presença, enquanto para mim parece que seja algo que diga respeito a mim e a todos, e seja um problema de concepção. Todas as vezes que não me maravilho com a realidade presente, vivo uma hegemonia: eu tenho uma ideia sobre a realidade e quero que ela se realize, então, forço as coisas. Naturalmente, me desiludo quando a realidade não é como eu queria. Mas, por que ajo assim? Porque não me maravilho; porque, estando vazio, preciso encher meu ânimo com alguma coisa e então, começo a ter pretensões, imperceptivelmente. Portanto, o problema me parece ser de método: não se maravilhar com a Presença. Falo de maravilha porque não basta dizer: “O Mistério quer assim”. Preciso me maravilhar, preciso ter o contragolpe do ser, porque não é suficiente uma reflexão moral sobre a fé. Neste ponto se verifica a redução do maravilhamento. Porque é como se eu me resignasse, como muitos em minha volta: a maravilha é uma experiência que só pode ser feita de vez em quando (quando acontece uma coisa boa, se tenho uma certa força). Maravilho-me só algumas vezes, então, normalmente não me maravilho. E como não me maravilho, busco o poder. Enquanto o maravilhamento é para todo instante: cada circunstância, mesmo a pior delas, pode me permitir um relacionamento com a Presença, do contrário, não é verdade que acontece agora. Suponhamos que eu esteja desanimado: se retomo a mim mesmo, se faço o caminho não como se fosse um mecanismo, eu me maravilho, porque quando retomo a consciência de mim mesmo, quando volto às perguntas, significa que eu vejo a Presença no instante e, assim, não há circunstância em que eu não possa me maravilhar. Esta me parece uma questão crucial. Assim, entendo porque temos tanta dificuldade em afirmar que a realidade é positiva: porque não é possível pensar que a realidade seja positiva se a Presença não existe. Podemos nos forçar a dizer que a realidade é positiva. Mas, só se vejo algo que me corresponde é que a realidade é positiva. Se não, mesmo que eu diga isso, não é verdade.*

Carrón: O problema – é bem verdade – não é de cunho moralista. Não devemos “rasgar as vestes” porque percebemos que buscamos a satisfação onde todos buscam. Isso é só a consequência. Não tem nenhuma novidade no fato de que diante do desejo que temos buscamos a satisfação. Não é possível não buscá-la. A questão, então, não é que tenhamos errado. A questão é: qual é a origem desse erro? A origem não é que eu sou incoerente (porque eu sou). Não tem nenhuma novidade que a fragilidade seja frágil e que a fraqueza seja fraca. Isso é redundância. Não teria valido a pena escrever a carta se fosse por isso. É preciso evidenciar outra questão: por que nós buscamos a satisfação onde todos buscam? Então, não é um problema de incoerência, é um problema de fé, é um problema do quê Cristo significa para nós, do quê temos de mais caro! E isso, em primeiro lugar, não diz respeito a uma coerência, mas à substância da vida. Por que esse maravilhamento não nos conquista? Por que julgamos que ele é algo que acontece apenas de vez em quando? Porque nós, em vez de um caminho, queremos um milagre. Na semana passada, estava dando uma aula na Universidade Católica sobre o décimo capítulo de *O senso religioso*. Todos vocês sabem como começa. Giussani nos convida a imaginar que nascemos com a consciência que temos agora, etc. Depois da primeira hora há uma pausa. Um aluno se aproximou de mim e disse: “Durante essa aula, percebi como acordei distraído. Entendo muito bem o que Dom Giussani diz: eu não preciso imaginar o que ele diz, porque realmente aconteceu comigo: sofri um acidente de moto e me salvei por milagre. Então, quando acordei pela primeira vez depois do acidente, o fato de existir me enchia de maravilha, não podia evitar que minha vida fosse invadida por essa surpresa e isso aconteceu muitas vezes durante os primeiros dias. Mas, depois, tudo perdeu a força, tudo ficou fraco. E hoje

de manhã acordei, como em muitos outros dias, distraído”. Percebem? Nós sonhamos com o milagre, e o milagre aconteceu a esse rapaz, mas não foi suficiente, porque é necessário um caminho. Se o milagre não introduz a um caminho, se não introduz a um uso adequado da razão, se não aproveito aquela facilitação através da qual me dou conta de que a vida me é dada, e não faço o percurso da minha razão trabalhando sobre isso, depois de um tempo, decai. E esta é – como diz Giussani – nossa imoralidade, mas a imoralidade é em relação ao fato, em relação ao evento, não à incoerência de não estar à altura (isso é uma consequência). A imoralidade é não ter seguido aquele evento que despertou em nós essa consciência. Se o fato não se torna moralidade, se não se torna responsabilidade, então não respondo com todo o meu eu e a intenção não penetra como uma ferida e um juízo sobre mim, como um juízo que move, que tenta levar a um trabalho. Torna-se sentimental, eu acordo e vejo que ainda estou vivo, porém, ainda não é uma consciência de mim, não é um uso verdadeiro da razão. E o que acontece? Ouçam o que diz Dom Giussani nas páginas 315-316 de *Certi di alcune grandi cose*: “É como encontrar no próprio terreno um broto, uma flor, e não a desenvolver, não cuidar dela. Um indivíduo, um jardineiro ou um agricultor que lança a semente de uma planta e depois não cuida dela, é um inconsciente, um irresponsável, isto é, um imoral. Nosso problema é exatamente essa palavra: a imoralidade [imoralidade com o fato, não incoerência ética]. Diante daquilo que nos foi dado [a vida, a fé, o carisma, o encontro, muitas ocasiões em que nós fomos despertados por um fato, por um evento, por algo que nos contaram: como a história de Corazin e Betsaida, onde Jesus disse que tinham uma grande responsabilidade porque tinham visto muitos milagres, são amadores em relação aos milagres que acontecem entre nós, amadores!] e que, apesar de toda a nossa convivência (quando deixamos o mundo entrar em nós e, portanto, marginalizamos lentamente, censuramos ou deixamos na aridez e sem alimento este fio de desejo), permanece e ainda existe, o nosso problema é a imoralidade, ou seja, não cuidar do que nos foi dado. Aquele fio de desejo não se torna nosso, meu: meu como juízo e meu como vontade. Quer dizer, aquele fio de desejo não é reconhecido e possuído por mim, não se torna consciente: é como se permanecesse por força de uma inércia. Essa inércia é a imoralidade”. Até que a força da inércia faça voltar à velha rotina. Nossa imoralidade é não seguir Dom Giussani nisso. O caminho que ele nos propõe, normalmente nos parece algo abstrato: “Alargar a razão? Mas quem se importa com isso?”. Domingo de manhã preguei o retiro dos noviços dos *Memores Domini* retomando uma palestra em que Dom Giussani afirma que a questão principal é o trabalho sobre o instrumento do pensamento. Para nós, essa é a coisa mais distante! Tanto que pensamos: é Giussani que tem essa fixação, e o Papa também. É como se os dois fossem marcianos! Consequentemente, se não nos maravilhamos com nada, buscamos a satisfação onde todos buscam. Mas, repito, isso é uma consequência e não me interessa neste momento. Dom Giussani continua: “Se o problema fosse a coerência, teríamos mil alibis para não nos empenharmos mais. Ao contrário, a imoralidade é algo que está na raiz, enquanto o problema da coerência é o problema de um desenvolvimento. Por trás do problema da coerência ou da incoerência está o problema da verdade ou da mentira, da verdade de si. Isso está contido naquilo que chamo ‘fio de desejo’, isto é, naquele início que permanece dentro de nós: o reconhecimento ou a descoberta de algo de outro como resposta àquilo que somos, a descoberta de algo que é tudo! Aquele fio de desejo é uma unidade de fundo, isto é, uma posição humana que, se sou incoerente mil vezes por dia, mil vezes me julga. Mas, se eu não tenho essa unidade de fundo reconhecida e possuída, eu não me julgo mais nas mil incoerências, e chego a dizer: ‘São inevitáveis!’, e depois: ‘Bom, no fundo, no fundo, o que há de estranho?’, e enfim: ‘É justo fazer assim’”. Tal e qual, a nossa radiografia! Se nós não atingimos a origem, se o acontecimento cristão e, antes de tudo a realidade, não desperta em nós aquele fio de desejo que nos torna desejosos de respirar e não sufocar (porque não podemos viver sem reconhecer a realidade em toda sua originalidade), então permanecemos racionalistas, portanto, niilistas, e como não podemos evitar ter desejos, procuramos a satisfação em coisas sem consistência, porque já perdemos o relacionamento com a origem da realidade, com o mistério da realidade. E, então, vivemos a realidade como todos. Quando, ao contrário, por graça, seguimos Dom Giussani, isso se torna visível não porque fazemos o discurso mais justo, mas na maneira com que vivemos as circunstâncias. É aí onde todos fazem o teste. Como eu disse na Diaconia da Lombardia, diante dos

primeiros comentários entusiasmados, dois dias depois dos Exercícios: “Calma, o verdadeiro teste dos Exercícios é como estamos diante da realidade, por exemplo, diante do que dizem os jornais”. Agora, depois da carta que escrevi, vocês podem ver qual é a diferença: alguns, que estavam entusiasmados, se irritaram com a carta. É aí que mostramos o que temos de mais caro: se a partir do Acontecimento podemos olhar tudo, até nossos erros, sem justificá-los. É preciso que aquilo que desperta nossa humanidade não se torne apenas um sentimentalismo (como quando alguém acorda depois de um acidente e no tempo, por causa da inércia, enfraquece), mas torne-se nosso como uso da razão, como própria autoconsciência. Seria um pecado não nos darmos conta disso.

Colocação: *Conto um fato que aconteceu na universidade. Temos as eleições dos representantes dos estudantes. Na minha faculdade acabaram de mudar o calendário acadêmico e das provas, e como é um tema muito polêmico, os oponentes estão fazendo a campanha eleitoral sobre este tema, propondo voltar a como era antes, etc. Fizemos uma assembleia pública e convidamos todos para ouvir a opinião dos estudantes. Contaram-me sobre essa assembleia e disseram que a um certo ponto, alguém disse: “Será que por trás dessa história da mudança da data das provas não está o dedo de CL?”. Assim que ouvi isso dei um pulo, porque me dói que nossa presença seja agredida e mal entendida dessa forma. Dois dos nossos, que estavam presentes, não reagiram, e fiquei irritada pelo fato de não terem dito nada. Discutindo, a certo ponto, uma disse: “Não me parecia útil criar polêmica naquele momento”. Quando ela disse isso, dei-me conta de que eu também faço exatamente a mesma coisa: pulo a realidade antes de me perguntar o que tenho diante de mim, e logo passo para outra coisa (qual a melhor maneira de agir, o que fazer para que os outros possam entender que não é verdade), e, portanto, não chego a nada.*

Carrón: Na maioria das vezes a nossa reação é visceral.

Colocação: *A partir daí foi muito bonito o trabalho que começou, porque nos perguntamos: do que se trata? O problema não era rebater algo, mas que exatamente a natureza da nossa presença era colocada em risco por causa daquele comentário, como se fôssemos nós os que tramávamos. Então, escrevemos um panfleto muito simples onde explicamos que os professores tomaram essa decisão sem consultar os estudantes, em que data a tinham tornado pública, quais representantes dos estudantes estavam presentes, etc. Concluimos dizendo que o objetivo que temos no trabalho de representação é o de poder ter uma formação melhor, antes de mais nada trabalhando na didática e nas atividades profissionalizantes, mais que na disposição das datas das provas. No fim, escrevemos: “Se cometemos falhas nesse trabalho, aceitamos qualquer crítica construtiva, mas não estamos dispostos a tolerar insinuações infundadas”. Fiquei impressionado pelo fato de que para mim o juízo estava todo dentro do contragolpe que senti quando me disseram o que tinha acontecido, não foi algo elaborado que tive que acrescentar depois. Eu reagi assim exatamente porque estavam atacando aquilo que tenho de mais caro e para que isso viesse à tona foi necessário que eu seguisse aquele contragolpe.*

Carrón: Este é o ponto: é preciso seguir aquele contragolpe, isto é, começar a usar a razão a partir daquele contragolpe. Como?

Colocação: *Vivendo aquela passividade que é a primeira atividade da qual Dom Giussani fala no capítulo dez. Porque eu poderia simplesmente ter pensado: “Paciência, se eles pensam assim, o problema é deles”. E ninguém teria me perturbado, uma vez que ninguém diria nada. Porém, exatamente seguindo, emergiu um ponto interessante para nós e para muitos outros, que também gostaram do panfleto que escrevemos. Entendo que toda a minha inconsistência, da qual você falou na sexta-feira à noite, se deve a pular continuamente a realidade que é exatamente o maior pretexto que eu dou, dessa falta de juízo (porque eu trato mal a realidade, e isso poderá sempre acontecer porque sempre errarei, mas se não julgo, ou não me dou conta e então é como se não a houvesse tratado mal, ou posso me omitir, dizer que a culpa é dos outros, dizer que a culpa é daqueles dois e, portanto, justificar-me diante do meu erro). Num jantar com você dizíamos que muitas vezes os gestos que fazemos não são proporcionados e voltados ao único objetivo do Movimento identificado por Dom Giussani, isto é, a geração de um sujeito. O que acontece – mesmo os erros que me deixam humilhado, que me entristecem – pode ser a retomada para fazer*

um caminho, porque há um lugar que tem como preocupação o meu eu, que eu tenha consistência, que eu possa existir: é o maior sinal de uma misericórdia para comigo e o maior motivo de gratidão.

Carrón: Se diante dessas provocações, o contragolpe não for acompanhado e seguido de um uso adequado da razão, nós continuamos inconsistentes e não é possível gerar um sujeito diferente. Se não for assim vai ser impossível que possa surgir um sujeito diferente, capaz de se colocar na realidade com toda a sua razoabilidade, com toda a capacidade de resposta não ideológica ou reativa, mas como força que testemunha uma maneira diferente de estar na realidade. Porque, diante dos ataques que recebemos, poderíamos ter dito: “Deixemos para lá, vamos escrever aos jornais dizendo o que somos para que não continuem dizendo coisas que não somos”. Todos teriam dado risada, porque é respondendo àquilo que nos acontece que nós dizemos o que somos. De outro modo nunca venceremos o dualismo que temos em nós: de um lado, enfrentamos a realidade de modo racional, como todos, e depois fazemos o discurso correto. Mas é isso que Cristo tornou evidente! Conteúdo e método coincidem. Essa é a dificuldade. Assim, se isso não acontecer não haverá sujeito novo. E como pode acontecer? Se cada um de nós não deixar passar nenhuma ocasião sem julgar. Se ignorarmos, ficando inertes, será uma ocasião perdida. Se, ao contrário, cada vez que o Mistério não nos poupa for para que façamos este caminho, para fazermos aquele caminho que estamos dizendo, para usar a razão de certo modo, para mover a liberdade, então cada circunstância que a vida nos oferece é uma ocasião para gerar um sujeito. O sujeito não nasce por acaso, não nasce como um milagre, nasce como resposta àquele evento que coloca em movimento a totalidade do eu e que faz usar a razão, a liberdade e a afeição de uma maneira diferente: chama-se “criatura nova”. Mas esse sujeito pode surgir somente se nós colaboramos com o Mistério que age constantemente por graça, despertando-nos, e que não nos poupa do caminho, porque senão ele seria nosso. Não é que não vejamos muitos milagres acontecerem diante dos nossos olhos, não podemos nos lamentar de ter perdido um milagre e não tê-lo visto, vimos muitos deles. O problema é que esses milagres que vimos não geram um sujeito porque não colocam em movimento a totalidade do nosso eu como uso da razão e da liberdade. Então, para nós, esse sujeito novo torna-se apenas um sonho ou uma ilusão absolutamente inalcançável. Mas, se vemos pessoas que tentando, no meio de todas as incertezas, mancando, fazem este caminho, elas nos testemunham que é uma possibilidade para nós.

Colocação: *Quando saiu a carta em la Repubblica, de um lado fiquei um pouco irritada, porque dizia: como você pode me olhar mais do que eu mesma? Porque os meus limites, as minhas traições sempre me definem, mas você abraçava tudo aquilo que eu sou. Porém, fiquei um pouco escandalizada em vez de me deixar abraçar. Depois aconteceu um fato no hospital em que trabalho: um menino nasceu e, uma semana depois, descobriram uma patologia genética incompatível com a vida. Foi impressionante, porque muitas de minhas colegas começaram a se perguntar: “Por que esse menino nasceu? Antes ou depois vai morrer, seus pais não podiam ter descoberto antes e tê-lo abortado para não se tornar um inútil para o mundo?”. Diante disso, imediatamente me rebelei porque a questão não é que ele seja diferente de mim. Aquele menino ainda existe, como eu, foi desejado, amado, é preferido exatamente apenas pelo fato de existir, e nenhuma má formação, nenhuma circunstância, nenhuma condição adversa pode tirar o valor que tem, isto é, o relacionamento com Alguém que o deseja agora. Mas nunca poderia ter descoberto isso, se não partindo daquele olhar amoroso que sinto constantemente sobre mim e que supera e abraça todo o limite e toda a traição que sou. Mas foi impressionante porque, desde que nos comunicaram a síndrome do menino, eu fiquei tão afeiçoada a ele que perguntei se poderia acompanhá-lo sempre e, um dia, uma mãe que estava internada – normalmente elas são sempre silenciosas e apenas nos olham trabalhar – no fim do turno veio até mim e me disse textualmente: “Podemos ver logo para quem nossos bebês são um peso e para quem são motivo de estupor”. Entendi melhor o valor daquela carta e o valor do encontro que fiz com Cristo: um olhar que não me limita aos meus erros usuais, à maneira habitual como olho para mim mesma ou à minha*

traição, mas que continuamente me valoriza por aquilo que sou. Assim, quase inconscientemente, eu posso olhar a realidade inteira como Ele me olha.

Carrón: Que alguém possa se maravilhar diante de uma criança assim (que pareceria uma contradição à afirmação sobre a positividade da realidade) indica a revolução que, sem qualquer visão “mística”, é possível alcançar. Porque essa é a surpresa que Cristo faz acontecer em nós quando somos conscientes de como fomos olhados, e essa autoconsciência nos impede de reduzir a realidade apenas à aparência, ao contragolpe sentimental que me provoca e então eu a olho com toda a profundidade com a qual olho para mim mesmo: desejado e preferido. E a mãe que está ali se dá conta da diferença entre quem trata as crianças como um peso e quem as olha com estupor. Ninguém diria que um bebê assim pode despertar maravilha, só sua mãe, pela afeição que tem, mas para todos os outros, é o contrário: sentem repugnância. Porém, este olhar sobre a realidade que pode acontecer em qualquer lugar, como dizíamos antes, que pode se tornar o relacionamento normal com a realidade, é aquilo que Cristo quer gerar em nós, porque um sujeito capaz de se maravilhar é tão pleno que não precisa procurar em outro lugar aquilo que o preenche. Essa é a promessa que muitos já estão começando a descobrir e que, na medida em que nós seguimos Dom Giussani, podemos realmente acreditar que se tornará nossa, cada vez mais. E essa será possibilidade de testemunho a todos, como me escreve uma de vocês, sobre a carta: “Sexta-feira à noite, estava em um jantar de *vips* com advogados e professores universitários, até estranhamente simpáticos diria, e um deles, depois de alguns cumprimentos formais, começa a falar sobre a sua carta e não sobre as tolices da política, e me disse que começou a lê-la por curiosidade, para estar atualizado sobre as últimas fofocas sobre o tema, mas depois ficou tão tocado que continuou relendo-a. E mais, disse: ‘meditando-a’, em particular aquele ponto em que você diz que *Cristo não é derrotado pelas nossas derrotas*”. Muitos me escreveram coisas assim. Somente se nós enfrentamos as circunstâncias que precisamos enfrentar diante de todos, diante de toda a realidade, sem nos escondermos, então elas se tornam ocasiões de testemunho, de entender que a nossa presença não tem necessidade de hegemonia para ser realmente incidente sobre a história, porque aquilo que incide mais é o testemunho cristão, isto é, o testemunho que nasce do maravilhamento pelo acontecimento de Cristo que faz com que estejamos na realidade de modo diferente. Parece-me que isto nos coloca nas melhores condições para entender porque interessa a todos não perder a ocasião para trabalhar sobre os Exercícios, onde se descreve o caminho a percorrer.

Veni Sancte Spiritus.